



FACULDADE MAUÁ DE GOIÁS
Instituto de Ensino e Pesquisa do Planalto Central LTDA
Bacharelado em Psicologia

VICTÓRIA SOUSA DA SILVA

ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA (ABA):
SUA EFICÁCIA NO DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EM
PESSOAS AUTISTA

ÁGUAS LINDAS DE GOIÁS
2025.



FACULDADE MAUÁ DE GOIÁS
Instituto de Ensino e Pesquisa do Planalto Central LTDA
Bacharelado em Psicologia

VICTÓRIA SOUSA DA SILVA

**ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA (ABA):
SUA EFICÁCIA NO DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EM
PESSOAS AUTISTAS**

Artigo científico entregue á Faculdade Mauá de
Goiás, como requisito parcial obrigatório para
obtenção do certificado de conclusão de
graduação em Bacharelado em Psicologia.

Orientador: Quemili de Cássia Dias de Sousa

ÁGUAS LINDAS DE GOIÁS
2025.

A EFICÁCIA DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA (ABA) NO DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EM PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Victoria Sousa Da Silva¹

Quemili De Cássia Dias Souza²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar a eficácia da Análise do Comportamento Aplicada (ABA) no desenvolvimento de habilidades sociais em pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A pesquisa caracteriza-se como uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo, contemplando estudos nacionais e internacionais publicados nos últimos dez anos, além de autores clássicos como Skinner e Lovaas. Os resultados evidenciam que a ABA, quando aplicada precocemente, favorece o desenvolvimento da comunicação, da autonomia e da interação social, repercutindo em benefícios que se estendem até a vida adulta. Apesar das críticas relacionadas à rigidez de alguns protocolos, observa-se que adaptações mais humanizadas têm fortalecido a prática, promovendo uma intervenção ética e centrada no indivíduo. Conclui-se que a ABA constitui uma abordagem fundamentada cientificamente e capaz de gerar impactos positivos e duradouros, contribuindo para inclusão e qualidade de vida.

Descritores em Ciências da Saúde: Transtorno do Espectro Autista. Análise do Comportamento Aplicada. Habilidades Sociais. Intervenção Precoce. Inclusão Social.

¹ Acadêmica do curso de psicologia da Faculdade Mauá – GO

² Docente de ciências da saúde da Faculdade Mauá – GO

1. INTRODUÇÃO

O transtorno do espectro autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por déficits persistentes na comunicação e interação social, acompanhados de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (American Psychiatric Association, 2013). Essa condição apresenta ampla variabilidade em termos de manifestações e intensidade, podendo afetar desde as habilidades de linguagem até a autonomia funcional e emocional. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (2023), estima-se que aproximadamente uma em cada cem crianças no mundo esteja dentro do espectro autista, o que evidencia a relevância social e científica de pesquisas voltadas à inclusão e à qualidade de vida dessas pessoas.

O diagnóstico precoce e o início imediato de intervenções especializadas têm sido apontados como fatores decisivos para o desenvolvimento global da pessoa com TEA. A intervenção comportamental, nesse contexto, assume um papel fundamental, pois busca favorecer o aprendizado e a aquisição de habilidades essenciais à vida em sociedade. Dentre as abordagens mais reconhecidas, a análise do comportamento aplicada (Applied Behavior Analysis – ABA) destaca-se por sua base empírica e eficácia comprovada. Desenvolvida a partir dos princípios do behaviorismo radical propostos por Skinner, a ABA tem como propósito modificar comportamentos socialmente relevantes por meio de técnicas sistematizadas de reforçamento, modelagem e generalização (Gitimoghaddam et al., 2022; Mutschler-Collins et al., 2025).

A ABA é amplamente utilizada em contextos clínicos e educacionais voltados ao autismo, pois possibilita que a pessoa autista desenvolva repertórios comportamentais adaptativos, melhorando sua comunicação, autonomia e convivência social. Pesquisas apontam que a aplicação intensiva e individualizada da ABA, especialmente em crianças pequenas, gera progressos significativos no desenvolvimento cognitivo, linguístico e social. Em contrapartida, estudos recentes reforçam a necessidade de que tais práticas sejam constantemente atualizadas para modelos mais éticos, flexíveis e centrados no indivíduo, evitando padronizações e respeitando a singularidade da pessoa autista (Esposito et al., 2025; Gitimoghaddam et al., 2022).

Além do impacto no comportamento observável, a ABA tem se mostrado eficaz na promoção de aspectos emocionais e relacionais, pois favorece experiências positivas de aprendizado e fortalece a autoestima e o senso de pertencimento. Pesquisas atuais indicam que programas baseados em ABA contribuem também para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, promovendo maior inclusão e qualidade de vida em crianças com TEA (BMC Psychology, 2024). Ao compreender a diversidade como parte da condição humana, a abordagem contribui para o rompimento de paradigmas excludentes e para o fortalecimento de uma sociedade mais inclusiva e empática. Assim, a ABA deixa de ser apenas uma técnica terapêutica e passa a ser um instrumento de inclusão e transformação social.

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo analisar a eficácia da análise do comportamento aplicada (ABA) no desenvolvimento de habilidades sociais em pessoas com transtorno do espectro autista (TEA), enfatizando a importância de intervenções precoces e humanizadas. O estudo adota uma metodologia de revisão bibliográfica de caráter qualitativo, com base em produções nacionais e internacionais dos últimos dez anos, além de autores clássicos da área. Pretende-se, assim, compreender como a ABA tem evoluído em direção a uma prática científica que alia técnica e sensibilidade humana, promovendo o desenvolvimento integral e a inclusão social das pessoas com TEA.

1 DESENVOLVIMENTO

1.1 Fundamentação teórica

O transtorno do espectro autista (TEA) é reconhecido como um transtorno do neurodesenvolvimento, caracterizado por alterações na forma como o cérebro se constrói, se conecta e se organiza ao longo da infância (de Lagrán et al., 2024). Estudos de neuroimagem identificaram que crianças com TEA podem apresentar crescimento acelerado e volumetria aumentada em regiões como o lobo temporal e a face fusiforme, e redução ou afinamento em estruturas do lobo frontal inferior e no cerebelo, sugerindo comprometimentos nas redes responsáveis pela socialização, linguagem, reconhecimento de faces e regulação emocional (Duan et al., 2024). Além

disso, há evidências de conectividade alterada: aumento de conexões de curto alcance e diminuição de conexões de longo alcance, o que interfere na integração de diferentes áreas cerebrais para a comunicação social e o comportamento adaptativo (Discovery ABA, 2025).

Nesse contexto cerebral alterado, a Análise do Comportamento Aplicada (ABA) assume um papel estratégico. A ABA é uma abordagem científica derivada dos princípios do behaviorismo radical — que propôs B. F. Skinner — e foi estruturada classicamente por Donald M. Baer, Montrose, M. Wolf e Todd R. Risley (1968). Sua proposta é sistematizar a observação, mensuração e manipulação de variáveis do ambiente para produzir mudanças significativas em comportamentos socialmente relevantes.

Entre os principais procedimentos da ABA destacam-se: reforçamento (positivo e negativo) para aumentar comportamentos desejados; análise funcional para identificar antecedentes e consequências que mantêm um comportamento-alvo; modelagem para aproximar o comportamento desejado em etapas graduais; e generalização para garantir que o comportamento aprendido em um contexto se manifeste em outros (Gitimoghaddam et al., 2022). Intervenções baseadas em ABA costumam aproveitar a plasticidade cerebral da criança com TEA — ou seja, o fato de que o cérebro ainda está em construção — para promover ganho de repertórios em linguagem, comunicação e autonomia (Chen et al., 2024). Contudo, a literatura recente também aponta para a necessidade de práticas mais éticas, individualizadas e centradas na pessoa, em vez de protocolos rígidos e padronizados (Gitimoghaddam et al., 2022).

Dessa forma, a ABA deixa de ser apenas um conjunto de técnicas e passa a ser compreendida como uma intervenção que considera o funcionamento cerebral diferenciado da pessoa com TEA, atuando sobre as condições neurodesenvolvimentais para favorecer habilidades sociais e adaptativas.

1.2 Resultados e discussão

A revisão da literatura indica que programas de ABA bem estruturados contribuem de maneira significativa para o desenvolvimento social, comunicativo e adaptativo de pessoas com TEA. Algumas pesquisas clássicas mostraram que

intervenções intensivas, entre 20 e 40 horas semanais, realizadas na infância, promovem avanços expressivos em linguagem, comportamento social e autonomia funcional (Lovaas, 1987; Smith, 2001), embora tais estudos sejam considerados datados. Estudos mais recentes demonstram que os benefícios da ABA não se limitam à infância, mas podem se estender à vida adulta, refletindo em melhor autorregulação emocional, inclusão educacional e inserção no mercado de trabalho (Camargo; Rispoli, 2021).

A partir da perspectiva neurodesenvolvimental, pode-se entender que os ganhos da ABA ocorrem porque a intervenção modifica o ambiente, as contingências e as experiências da pessoa com TEA, favorecendo a formação de conexões funcionais úteis ou fortalecendo aquelas que estão subdesenvolvidas em um cérebro que apresenta características atípicas (Chen et al., 2024). Entretanto, também há críticas importantes: representantes da comunidade autista alertam para o risco de que a ABA, se conduzida com foco apenas em normalizar comportamentos, desconsidere a singularidade, as preferências e a autonomia da pessoa com TEA. Por isso, práticas mais atuais defendem uma abordagem colaborativa, ética e centrada no indivíduo, com objetivos definidos em conjunto e respeito à diversidade neurofuncional (Gitimoghaddam et al., 2022). Em suma, a ABA opera em um cenário de neurodesenvolvimento alterado, aproveitando-se da plasticidade cerebral e das contingências ambientais para favorecer habilidades sociais e adaptativas em pessoas com TEA, ao mesmo tempo em que deve evoluir para práticas cada vez mais humanizadas e individualizadas.

2. Fundamentação teórica

A Análise do Comportamento Aplicada (ABA) é uma abordagem científica consolidada a partir dos estudos de B. F. Skinner e estruturada por Baer, Wolf e Risley (1968). Seu objetivo é modificar comportamentos por meio de técnicas como reforçamento, modelagem, análise funcional e generalização. Pesquisas demonstram que a aplicação precoce da ABA, especialmente até os três anos de idade, aproveita

a plasticidade cerebral da criança, favorecendo ganhos expressivos na comunicação, autonomia e interação social. Autores como Cooper, Heron e Heward (2020) reforçam

que intervenções intensivas podem gerar resultados significativos em linguagem, habilidades acadêmicas e funcionais. Contudo, críticas apontam que alguns protocolos rígidos podem desconsiderar a individualidade da pessoa autista, o que tem motivado práticas mais éticas e humanizadas.

2.1 Resultados e Discussão

A revisão da literatura evidencia que programas de ABA bem estruturados contribuem para o desenvolvimento social e adaptativo de indivíduos com TEA. Estudos de Lovaas (1987) e Smith (2001) demonstraram que intervenções intensivas, com duração de 20 a 40 horas semanais, promovem avanços significativos em linguagem, comportamento social e autonomia funcional. Pesquisas mais recentes (Sampaio; Schmidt, 2013; Camargo; Rispoli, 2021) apontam que os benefícios se estendem até a vida adulta, refletindo em maior autorregulação emocional, inserção no mercado de trabalho e inclusão social. Apesar disso, críticas feitas por representantes da comunidade autista alertam para a necessidade de intervenções que valorizem a singularidade de cada indivíduo, evitando práticas que busquem apenas a padronização comportamental. Dessa forma, a ABA evolui para uma prática centrada no respeito, na autonomia e no bem-estar da pessoa autista.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na revisão bibliográfica realizada, conclui-se que a Análise do Comportamento Aplicada (ABA) apresenta eficácia significativa no desenvolvimento de habilidades sociais em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A literatura evidencia que a aplicação precoce dessa abordagem potencializa a plasticidade cerebral, favorecendo a aquisição de comportamentos adaptativos, comunicativos e sociais, com efeitos positivos que se estendem da infância à vida adulta.

Observa-se, contudo, que a efetividade da ABA depende não apenas da

técnica empregada, mas também da sensibilidade ética e da personalização da intervenção. Protocolos excessivamente rígidos tendem a desconsiderar a singularidade do sujeito autista, o que reforça a importância de práticas contemporâneas mais humanizadas, colaborativas e centradas no indivíduo. Nesse sentido, a evolução da ABA rumo a uma abordagem que integre ciência, empatia e respeito à neurodiversidade representa um avanço fundamental para a inclusão e o bem-estar dessas pessoas.

Recomenda-se, portanto, a continuidade de estudos que explorem novas formas de aplicação da ABA em contextos diversos, bem como a ampliação de políticas públicas que garantam acesso equitativo a intervenções baseadas em evidências. Tais medidas são essenciais para promover não apenas o desenvolvimento funcional, mas também a autonomia, a autoestima e a participação social plena das pessoas com TEA, consolidando a ABA como uma ferramenta de inclusão e transformação social.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and statistical manual of mental disorders (DSM-5)*. 5. ed. Arlington, VA: American Psychiatric Publishing, 2013.

BMC PSYCHOLOGY. *The effectiveness of applied behavior analysis program training on emotional and social skills in children with autism spectrum disorder*. *BMC Psychology*, v. 12, n. 20, p. 1-12, 2024. DOI: 10.1186/s40359-024-02045-5.

CAMARGO, S. P. H.; RISPOLI, M. *Análise do comportamento aplicada ao autismo: da teoria à prática*. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 27, n. 3, p. 445–460, 2021.

CHEN, Z. et al. *Neuroplasticity of children in autism spectrum disorder*. *Frontiers in Neuroscience*, 2024. Disponível em:

<https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC11079289/>. Acesso em: 24 out. 2025.

DE LAGRÁN, M. M. et al. *Autism spectrum disorder as a neurodevelopmental condition: a brain connectivity perspective*. *Nature Reviews Neuroscience*, 2024.

DISCOVERY ABA. *Autism's effects on the brain: Autistic brain vs normal brain*. 2025. Disponível em: <https://www.discoveryaba.com/aba-therapy/autistic-brain-vs-normal-brain>. Acesso em: 24 out. 2025.

DUAN, K. et al. *Differences in regional brain structure in toddlers with autism*. *Nature Communications*, v. 15, art. 5075, 2024.

ESPOSITO, M. et al. *Ins and outs of applied behavior analysis (ABA) intervention in promoting social communicative abilities and theory of mind in children and adolescents with ASD: A systematic review*. *Behavioral Sciences*, v. 15, n. 6, p. 814, 2025. DOI: 10.3390/bs15060814.

GITIMOGHADDAM, M. et al. *Applied behavior analysis in children and youth with autism spectrum disorders: A scoping review*. *Perspectives on Behavior Science*, v. 45, p. 521–557, 2022. DOI: 10.1007/s40614-022-00338-x.

LOVAAS, O. I. *Behavioral treatment and normal educational and intellectual functioning in young autistic children*. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, v. 55, n. 1, p. 3–9, 1987.

MUTSCHLER-COLLINS, I. et al. *A meta-analysis of applied behavior analysis-based interventions to improve communication, adaptive, and cognitive skills in children on the autism spectrum*. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 2025. DOI: 10.1007/s40489-025-00506-0.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Autism spectrum disorders: Key facts*. Geneva: WHO, 2023. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/autism-spectrum-disorders>. Acesso em: 24 out. 2025.

SMITH, T. *Discrete trial training in the treatment of autism*. *Focus on Autism and Other Developmental Disabilities*, v. 16, n. 2, p. 86–92, 2001.